

Frente de Mulheres Negras do DF e Entorno

Em virtude do processo de escravização que ocorreu no Brasil por 350 anos, a mulher negra teve sua origem estigmatizada e até hoje ocupa os piores lugares na sociedade. Subalternizada pelo racismo, é invisibilizada em todas as políticas e programas de governo.

Promover a cidadania das mulheres negras precisa ir para além das falas, é necessário garantir o protagonismo, ofertar políticas públicas de qualidade que combatam o racismo estrutural que está presente nas instituições públicas e privadas.

Somente as ações de resistência promovida no âmbito do movimento de mulheres negras dá voz às problemáticas que elas vivem em virtude da cor da sua pele. É flagrante como as políticas de gênero que trata as mulheres de forma universal não as atende. As mulheres negras são marcadas pelo racismo. A cor da sua pele estabelece um lugar de subalternidade a sua moradia, acesso ao emprego e renda.

Hoje, o retrocesso nos direitos sociais e políticos servem para agravar esta situação. A reforma trabalhista com a proposta de trabalho intermitente precariza cada vez mais a vida das mulheres negras, em especial das trabalhadoras domésticas, ocupadas em sua maioria por mulheres negras.

No âmbito político, a intervenção militar no Rio de Janeiro instituída pelo governo ilegítimo de Michel Temer é a confirmação do que de fato a população negra sempre viveu “sob suspeita” em suas comunidades, seja nos bairros periféricos, nas favelas, quilombos, comunidades de terreiro. A perseguição contínua e sistemática aos povos de matriz africana é fortalecida com esta intervenção.

A intervenção militar é uma preocupação a mais, pois os tanques e fuzis apontados contra as comunidades negras do Rio de Janeiro é simbolicamente apontada contra a comum idade negra, a julgar pelas manifestações racistas que vemos todos os dias “todo negro é culpado, até que se prove o contrário”.

Negras e negros sempre tiveram uma arma apontada para sua cabeça, confirmamos isto pelos 23 mil negros assassinados no Brasil. As mães dos jovens negros choram solitariamente a morte de seus filhos. Condenamos a intervenção em favor da vida da população, por uma sociedade pluriétnica, pluricultural, onde todas e todos sejam tratados como seres humanos e não como uma ameaça.

A mulher negra é, em todas as suas dimensões, a protagonista das questões afetas à população negra. Seu papel de chefe de família não se restringe ao ambiente doméstico, ela lidera e denuncia o racismo pelo “Bem Viver da Comunidade Negra”.